

UM EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO

Maria Eneida Victor Fariás

Segundo Paulo Rônai, "o poema 'José', de Carlos Drummond de Andrade, atrai os tradutores, aos quais parece não oferecer dificuldade maior. Pela singeleza de seu vocabulário e de sua sintaxe poder-se-ia dizer que se pode vertê-lo palavra por palavra sem que perca uma parcela sequer do impacto que o original exerce sobre o leitor de língua portuguesa."1 Realmente. E, ao tentar fazer a versão do poema para o italiano, procurei ser-lhe fiel, não só na simplicidade do vocabulário e da sintaxe, como também no ritmo dos versos.

O antropônimo José e o topônimo Minas foram mantidos em português, como, aliás, foram conservados em todas as outras línguas para as quais o poema foi traduzido. Minas porque representa, para o poeta, mais do que um local, é o seu "mundo", o seu "universo". E José, nome genérico, é o brasileiro, homem do povo, o homem que sofre, que luta, sem esperança de dias melhores.

Eis a versão italiana ao lado do original português:

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José?
 e agora, você?
 Você que é sem nome,
 que zomba dos outros,
 você que faz versos,
 que ama, protesta?
 e agora, José?

E adesso, José?
 Finita la festa,
 spenta la luce,
 sparita la gente,
 raffreddata la notte,
 e adesso, José?
 e adesso, tu?
 Tu che sei senza nome,
 che canzoni gli altri,
 tu che fai versi,
 che ami, protesti?
 e adesso, José?

Estã sem mulher,
 estã sem carinho,
 estã sem discurso,

Sei senza donna,
 sei senza affetto,
 sei senza discorso,

já não pode beber,
 já não pode fumar,
 cuspir já não pode,
 a noite esfriou,
 o dia não veio,
 o bonde não veio,
 o riso não veio,
 não veio a utopia
 e tudo acabou
 e tudo fugiu
 e tudo mofou,
 e agora, José?

E agora, José?
 Sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,

sua biblioteca,
 sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio - e agora?

Com a chave na mão
 quer abrir a porta,
 não existe porta;
 quer morrer no mar,
 mas o mar secou;
 quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...

già non puoi bere,
 già non puoi fumare,
 sputare già non puoi,
 la notte si è fatta fredda,
 il giorno non è venuto,
 il tram non è venuto,
 il riso non è venuto,
 non è venuta l'utopia
 e tutto è finito
 e tutto è fuggito
 e tutto si è fatto muffa,
 e adesso, José?

E adesso José?
 La tua dolce parola,
 il tuo attimo di febbre,
 la tua golosità e il tuo digiuno,

la tua biblioteca,
 la tua mina d'oro,
 il tuo vestito di vetro,
 la tua incoerenza,
 il tuo odio - e adesso?

Con la chiave in mano
 vuoi aprir la porta,
 la porta non c'è;
 vuoi morir nel mare,
 ma il mare si è prosciugato;
 vuoi andare a Minas,
 Minas non c'è più.
 José, e adesso?

Se tu gridassi,
 Se tu gemessi,
 se tu suonassi
 il valzer viennese,
 se tu dormissi,
 se tu ti stancassi,
 se tu morissi...

Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia
sem parede nua
para encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Ma tu non muori,
tu sei duro, José!

Solo nel buio
come una bestia selvatica,
senza teogonia
senza muro nudo
dove appoggiarti,
senza cavallo nero
che fugga al galoppo,
tu cammini, José!
José, per dove?

N O T A

1. Rónai, Paulo. *Escola de Tradutores*. Rio de Janeiro, Educom, 1976.
p. 119.